

FICHAMENTO: NETTO, Waldemar Ferreira. Introdução fonologia da língua portuguesa, São Paulo: Hedra, 2001

“Embora estejamos assumindo o princípio estabelecido por Clements(1992: 192) de que a fonologia é um sistema de organização cognitiva que envolve unidades abstratas e discretas, nas quais a forma lingüística é codificada, é nosso propósito apresenta, especialmente, a descrição da fonologia da língua portuguesa. Se algumas vezes fugirmos desse propósito, será quando considerarmos que tais modelos ainda não suficientemente desenvolvidos para uma adequada descrição da língua. É o caso, por exemplo, dos modelos que procuram estabelecer critérios universais para a análise do acento. Trata-se, pois, de uma discussão em andamento, cujos resultados não oferecem ainda um instrumental seguro para descrição desse aspecto da língua portuguesa. Apesar de não explicitarmos, perpassa por todas as explicações uma postura cognitivista que entende que os ganhos teóricos dos modelos estruturalista e funcionalista devem ser devidamente compreendidos e adequados às novas abordagens.”(pg. 13)

“Barth (1969: 194 da tradução) propõe que as características étnicas que são levadas em consideração para o estabelecimento da identidade étnica própria e alheia não são a soma das diferenças “objetivas”, passíveis de serem descritas e arroladas, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes: alguns traços culturais são utilizados pelos atores como sinais e emblemas de diferenças radicais são minimizadas e negadas. Não há como prever quais traços serão realçados e tornados relevantes para o estabelecimento das fronteiras entre grupos, bem como não há como prever o alcance dessas diferenças , que podem permear toda a vida social, ou podem ser relevantes para apenas setores limitados. A aplicação para a lingüística da proposta de Barth mostra-se bastante eficaz quando à distinção de aspectos regionais no uso da língua portuguesa, quando é possível notar que variações lingüísticas estabelecem distinções entre grupos, claramente manifesta no preconceito lingüístico, ainda que sejam realçados traços fonológicos extremamente sutis.”(pg. 15)

Levi-Strauss (1976:334 de tradução) antropólogo

“”ao descrever o etnocentrismo, já chamara a atenção para o fato de que a noção de humanidade, englobando, sem distinção de raça ou civilização, todas as formas da espécie humana, é recente e de expansão limitada:

A humanidade cessa nas fronteiras da tribo, do grupo lingüístico, às vezes mesmo da aldeia; a tal ponto, que um grande número de populações ditas primitivas se auto designam com um nome que significa “ao homens” (ou às vezes – digamo-lo com mais discrição! – os “bons”, os “excelentes”, os “completos”), implicando assim que as outras tribos, grupos ou aldeias não participam das virtudes ou mesmo da natureza humana(...).” (pg16)

“Dessa maneira, considerando que ainda é precoce decidir que fatos fonológicos sejam agramaticais, se for possível falar em agramaticalidade para a fonologia, assim, optamos apenas por marcar se determinado fato ocorre ou não na língua portuguesa. Consideramos, portanto, que a inexistência de um fenômeno não implica sua

impossibilidade de que venha a se manifestar. As restrições apenas decorrem de impossibilidades articulatórias, isto é, a língua é um instrumento para ser utilizado pelos órgãos da chamado aparelho fonador, logo, deve estar adaptado a eles e não o inverso.”(pg. 17)

Bloch (1987: 42), “quando afirma que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado se nada sabemos do presente”, e inverte a história, compreendendo primeiro seus resultados para, depois, apurar as causas.”(pg. 18)

A REPRESENTAÇÃO DOS SONS E A ESCRITA TRADICIONAL EM LÍNGUA PORTUGUESA

Período Arcaico da Língua Portuguesa, a partir do século XVI.

-período de expansionismo da Língua Portuguesa, assim como o Império.

- “é interessante lembrar que a nação portuguesa formou-se não somente com as conquista territoriais, mas também com a definição de suas próprias caracter.

As línguas impressas, segundo Anderson (1989), lançaram as bases para a consciência nacional de três modos diferentes:

1. A criação de campos unificados de intercâmbio e comunicação abaixo do latim e acima das línguas vulgares.
2. a atribuição, pelo capitalismo, de uma nova fixidez à língua, que, a longo prazo, ajudou a construir aquela imagem de antigüidade, tão essencial à idéia subjetiva de nação.
3. a criação de línguas-de-poder, na mediada em que determinados dialetos estavam inevitavelmente “mais próximos” de cada língua impressa e dominavam suas formas finais; provocando a perda de prestígio de suas parentes mais próximas.

Primeiras normatizações ocorrem no século XVI, COM Fernão Oliveira, João de Barros e Duarte Nunes de Leão.

- A escrita de textos latinos já é documentada no século VIII.
- A escrita em Língua Portuguesa no século XIII(pg. 20)

Para compreender a escrita da língua portuguesa, é fundamental, portanto, que compreendamos os princípios que regiam a escrita latina.

A ORIGEM DA ESCRITA NA LÍNGUA PORTUGUESA

- Fortemente influenciados pelos gregos, os romanos concebiam as letras (*literae*) como elementos que se podiam considerar sob três aspectos: nome, figura e valor (*nomen, figura e potestas*). O nome das letras, segundo Desbordes (1995), visava a uma identificação com os seus valores. Dessa maneira, o nome A identificava a letra [a], tal como ocorre em nosso alfabeto. Essa identificação, se bastante simples para as vogais, não se dava, entretanto, com todas as letras, em virtude de seu valor. Assim, pospunha-se um som vocálico [e] às consoantes. É bastante esclarecedora a passagem de

Terentianus Maurus citada por Desbordes: “Quando quero dizer B, C, D, G, se retiro o E que lhes daria sonoridade, os lábios permanecerão selados, e a língua presa”. Essa não era a solução para todas as letras. Em relação ao valor, algumas letras eram tomadas como semivogais, pois se permitiam pronunciar independentemente do apoio de alguma vogal. Entretanto recebiam a anteposição do mesmo [e]. (pg.21)

“as semivogais podem ser emitidas isoladamente, quer dizer, de tal maneira que não têm necessidade do auxílio de nenhuma vogal para formar seus nomes: F, L, M, N, R, S, X. Mas de acordo com a métrica latina e a teoria dos ajustes [structure] formam seus nomes colocando-se na seqüência de uma vogal EF, EL, EM, EM, ER, ES, EX.”

Essa contribuição tripartida era um fato intrínseco das letras, de tal maneira que, ao se reportar à figura, tornava-se-lhe também o nome e o valor correspondente, fazendo o mesmo com o som e o valor.

Alf. Latino

Figura	valor	nome
A	ã ā	a
B	b	be
C	k	que
D	d	de
E	ě ē	e
F	f	ef
G	g	gue
H	...	ha
I	ĩ ī	i
...	...	ka
L	l	el
M	m	em
N	n	en
O	o	ó
P	p	pe
Q	k ^w	cu
R	r	er
S	s	es
T	t	te
V	ũ ū	u
X	ks	ix

FORMAÇÃO DA ESCRITA NA LÍNGUA PORTUGUESA

A criação do Dígrafo

Na formação da língua portuguesa, originou-se um conjunto de sons que não pertenciam a nenhuma das letras latinas [v z ʒ ɲ λ]. A solução encontrada vai ser a criação de

Biblioteca Pública Mário Schenberg
São Paulo- SP
Prof. *Fábio Cyaresma*

dígrafos (LH= λ , NH= η , CH= \jmath), a transformação da figura letras latinas (Ç=s, V=v) ou o aproveitamento da figura (Z=z), ou simplesmente a desconsideração da caracterização das letras (C=s, C=k; G=g, G=3).

(explicação sobre o questionamento das letras terem som, nome e figura e o dígrafo. Resposta: Tais concepções perdem-se na consciência do falante alfabetizado se o vínculo cultural dos portugueses com os latinos não se mantém amiúde)

OS FALANTES ALFABETIZADOS NÃO TÊM QUALQUER RAZÃO PARA QUESTIONAR A CONCEPÇÃO DE LETRA, CARACTERIZADO POR NOME, FIGURA E VALOR. APENAS PRECISAM, ELES MESMOS, APROVEITAR AS PARTES QUE LHESS INTERESSAM DESSE CONJUNTO.

HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa tem oitocentos anos de escrita.

Divisão da formação da Língua Portuguesa.

1. o período arcaico ou fonético, a partir de 1214
 - Marcado pelo primeiro documento datado e escrito em língua Portuguesa, o *Testamento de Afonso II*.
2. o período moderno ou etimológico, a partir de 1489
 - Data do primeiro documento impresso em língua Portuguesa, o *Tratado de Confissom*
3. o período atual, a partir de 1904
 - Data de publicação da *Ortografia Nacional*

O PERÍODO ARCAICO, ou FONÉTICO

Nesse período da língua portuguesa várias tentativas de escritas são testadas. Não se tratando de procedimentos sistemáticos de testes, em que todos os resultados são avaliados e discutidos sistematicamente, mas de um processo que ocorreu ao longo de vários séculos.

É costumeiro chamar à escrita desse período de *fonético*, entretanto, não se vá tomar disso que se procurou simplesmente transcrever a fala.

- Buescu(1983) comenta que foi durante esse período que as soluções que se estabeleceriam no período moderno foram encontradas e que o sistema fonológico da língua portuguesa foi submetido a uma análise que passa por tentativas, experiências e hesitações.
- Cagliari (1994) lembra que “as pessoas precisam fazer hipótese sobre a escrita das palavras, baseando-se em conhecimentos que têm sobre a escrita”

Pode-se pensar que esse período foi, sobretudo, analítico, tanto do ponto de vista da escrita quanto do ponto de vista da língua portuguesa. Ora, os falantes não pensam rotineiramente sobre su própria língua, eles apenas a usam.

- Bakhtin (1986) chamou a atenção para o fato de que o falante não tem consciência da materialidade do sistema. A língua materna é formada só de idéias, só de emoções, pois, segundo ele “não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis “.

Não se pode dizer que tenha havido um alfabeto português durante todo esse período da escrita portuguesa, a partir dos modelos de escrita que eram conhecidos. Podemos pensar que não deve ter ocorrido nada muito diferente do que ocorrera entre os romanos, quando quiseram estabelecer a escrita de seu latim.

O PERÍODO MODERNO ou ETIMOLÓGICO

O período moderno da escrita portuguesa caracteriza-se pela incorporação das soluções propostas no período anterior. A seleção do *Tratado de Confissom* não é fortuita, mas estabelece uma coerência.

- Buescu(1983) afirmou que o exame do *Tratado de Confissom* já mostrava que a ortografia utilizada apresentava, de modo geral, a mesma fisionomia que figuraria nos livros publicados no século XVI e que não deixa de ser surpreendente o fato de os maiores problemas gramaticológicos, a saber, a notação de *nh*, *lh* e *ch*, *ss* e ainda o uso de *ç*, encontrarem-se perfeitamente estabelecidos e até com certa uniformidade.

Trata-se, pois, de uma escrita que já tomava as feições próprias da língua portuguesa, tal como o necessita a impressão de documentos, cuja reprodução mecânica torna o escritor – e eventualmente, digamos de passagem, também um tipógrafo desatento – responsáveis diretos pelo texto escrito que se divulga. Seja como for, é possível ordenar o processo.

E é justamente no século XVI que surgem as primeiras normatizações formais da escrita:

- *Grammatica da linguagem portuguesa*, em 1536, por Fernão de Oliveira.
- *Grammatica da língua portuguesa*, em 1540, por João de Barros.
- *Diálogo em defesa da língua portuguesa*, em 1574, por Pedro de Magalhães Gandavo.
- *Orthographiada lingoa portuguesa*, em 1576, por Duarte Nunes de Lião.

Nesse período, além da escrita, a própria língua portuguesa assume novas feições. A norma de prestígio deixa de ser a do Norte de Portugal, pois o centro administrativo vai para Lisboa. Ocorre a redescoberta dos clássicos gregos e latinos e a conseqüente inserção de empréstimos lingüísticos de toda ordem. O épico camoniano

reproduz o modelo da *Odisséia* homérico e narra às peripécias portuguesas que ocorrem para além de seu território e que vão definir o apogeu do Império.

Nesse contexto, era natural que a língua portuguesa sofresse um processo de latinização pouco compatível com sua própria história. Se hoje sofremos com *coffee-break*, *shopping center*, *handicap*, *check-in*, *winchester*, além de outras tantas já dicionarizadas, naquele momento deveriam estar sofrendo com *divícias*, *trêmulo*, *sulfúreo*, *equóreo*, *cornífero*, *quadropedante*, *hirsuto*, *pudibundo*, além de muitas outras.

Quanto à escrita:

- Vasconcelos entende que a introdução de vocábulos eruditos, romanos e sobretudo helênicos, foi uma das causadoras das anomalias que deturpam a escrita portuguesa “caótica e incoerente em extremo”.

É a partir desse período que *oje*, *ome*, *aver*, *onra*, *sono*, *dano*, *santo*, *pronto*, *sinal*, *nacer*, *crescer*, *descer*, tornam-se hoje, *homem*, *haver*, *honra*, *somno*, *damno*, *sancto*, *prompto*, *signal*, *nascere*, *crescere*, *descere*; porque assim fora o latim. Essa retomada do latim é o que sugere o nome de escrita etimológica.

O PERÍODO ATUAL

Em 1904, atendendo à demanda de se proceder a mais uma unificação da grafia da língua portuguesa, Gonçalves Vianna escreve o livro *Ortografia Nacional*, em que lança as bases da ortografia atual.

Em 1940, sai publicado, em Lisboa, o Vocabulário ortográfico, organizado por Rebelo Gonçalves, e em 1943 a Academia Brasileira de Letras estabelece as “Instruções para a organização do vocabulário ortográfico da língua portuguesa”, que assumem a proposta de Gonçalves Vianna, com alguma modificação.

A partir daí, pouca coisa acontece. Não há nada além de tentativas subseqüentes de padronizar a ortografia portuguesa em todos os países que têm o português como língua oficial.

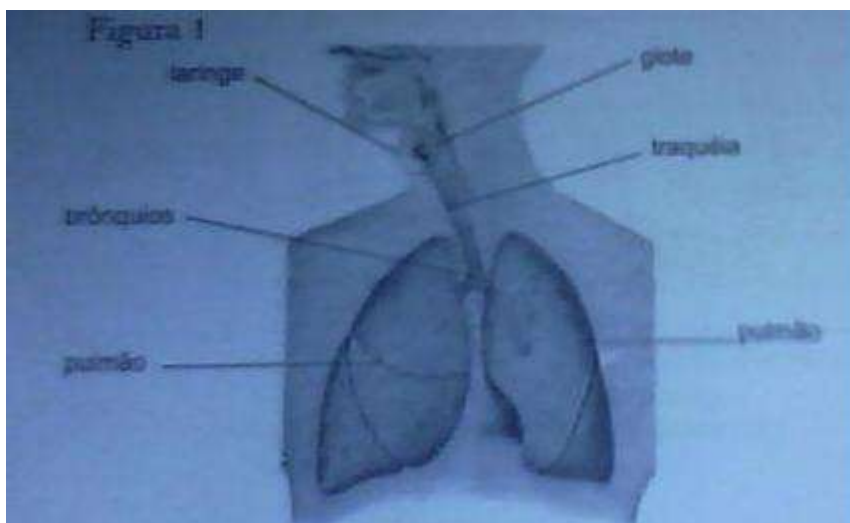
PRODUÇÃO DOS SONS NA LÍNGUA PORTUGUESA

VISÃO GERAL DO APARELHO FONADOR: EXPIRAÇÃO E INSPIRAÇÃO

A produção dos sons em língua portuguesa, como em todas as línguas, realiza-se pela ação de órgãos dos sistemas digestivos e respiratórios. São movimentos voluntários, ainda que nem sempre completamente perceptíveis.

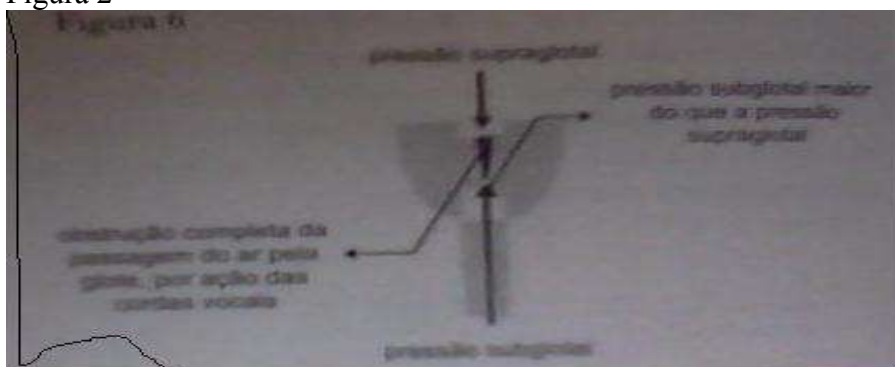
Qualquer ato de fonação inicia-se, necessariamente, por uma série de movimentos que têm por objetivo recolher o ar externo ao corpo (Cagliari 1981: 107). Esse conjunto de movimentos chama-se *inspiração*. O mecanismo básico da inspiração decorre do aumento do tamanho dos pulmões e, conseqüentemente, da diminuição da pressão do ar que há dentro deles.

Figura 1



Conforme já foi dito, todo ato de fonação inicia-se pela inspiração. Com a pressão, restabelecida no interior dos pulmões, pela inspiração, a *fonação* tem seu início tão logo se inicie o relaxamento dos intercostais e do diafragma, e haja o conseqüente aumento da pressão nos pulmões. Esta pressão inicial chama-se pressão *subglotal*, justamente porque é abaixo da *glote* (ver Figura1), espaço aberto na laringe entre as cordas vocais, que ocorre a principal obstrução à saída do ar, saída esta que restabeleceria o equilíbrio entre a pressão *subglotal* e a pressão *supraglotal*, ou acima da glote (figura 2)(Lebrun1968-16)

Figura 2



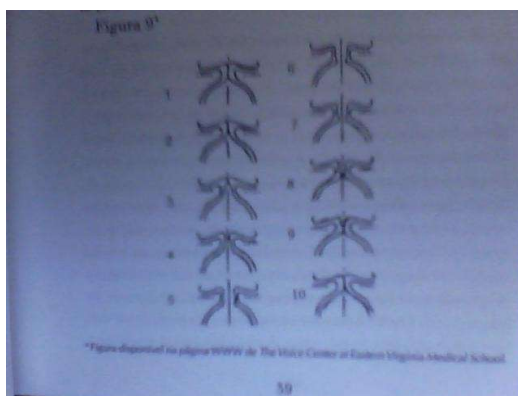
PRODUÇÃO DOS SONS

CAVIDADE GLOTAL

A produção de voz na laringe decorre do ligeiro afastamento das cordas vocais e do igualmente ligeiro relaxamento das mesmas. Assim como os demais, esses são movimentos voluntários, ainda que não completamente perceptíveis, dada a

mecanicidade com que os produz. Com tais movimentos, permite-se que o ar contido nos pulmões escape, ao forçar a passagem, empurrando para cima as cordas vocais não completamente tensas. Ao passar, diminui-se a pressão local, e as cordas vocais, dada a tensão que ainda permanece aplicada sobre elas, retornam à sua posição inicial. Porquanto a pressão subglotal permanece maior do que a supraglotal, novamente o ar contido no pulmões força a passagem entre as cordas vocais e escapa. (Figura 3)

Figura 3



Novamente, diminui-se a pressão local e as cordas vocais retornam à sua posição inicial. Essa seqüência ocorre até que o indivíduo interrompa o processo, seja abrindo completamente a passagem pela glote, pelo afastamento das cordas vocais, seja, ainda, fechando-a completamente (Hall & Stevens 1971).

Noto: que para se ter uma boa oratória é necessário que tenha o orador um bom domínio da pressão subglobal exercida na laringe, para que tenha uma ótima articulação e maior eloquência no discurso, pois as freqüências sonoras no início da fonação tendem a ser maiores do que as finais, assim a intensidade dos primeiros momentos de fala, também, tende a ser maior do que nos momentos finais, caso não haja esforços suplementares para inverter o processo. A cada pausa inspiratória, isso se repete. Então o orador deve ter um bom domínio das pausas durante o discurso, para que saia um discurso limpo e esclarecedor.

“Os movimentos produzidos na cavidade laríngea pelas cordas vocais são responsáveis pelos efeitos de *sonoridade* e de *glotalização*, respectivamente.” (pg. 40)

- A *sonoridade* decorre da vibração das cordas vocais e estabelece a diferença, fundamental na língua portuguesa, entre:
 1. sons *surdos*, em que não há vibração das cordas vocais.
 2. sons *sonoros*, em que há vibração das cordas vocais.
Variação quanto a freqüência da vibração produzida:
Graves ou Agudos, se as cordas vocais estiverem mais ou menos tensas, ou oscilar entre freqüências intermediárias.

Desse fato de *sonoridade* decorrem as ENTOAÇÕES na fala de língua portuguesa, bem como de todas as línguas.

- A *glotalização* decorre da abertura ou do fechamento do espaço global. Do fechamento completo ou parcial, decorrem os sons chamados *glotalizados*. A obstrução total e sua abertura repentina definem os *golpes de glote*, ou sons *glotais*. A obstrução parcial define os sons *glotalizados* propriamente ditos, de que os falantes de língua portuguesa não fazem uso. A abertura completa do glote define os sons chamados *aspirados*. Abertura total e relaxamento completo são articulações próprias da respiração normal.(pg. 41)

OBS: Apesar de não haver uma definição clara dos mecanismos que promovem a ausência de som nas cordas vocais, é preciso compreender que para haver vibração e, portanto, sonoridade, é condição básica que o ar atravesse a glote.

- Sons glotalizados – com o fechamento total da glote
 - Sons aspirados – com abertura total da glote
- } não se realizam

Na língua portuguesa, a tensão da musculatura da cavidade supraglotal atua de forma a produzir as consoantes surdas. As consoantes sonoras ocorrem sem essa mesma tensão muscular. Ainda que, para a realização de [b], [d] e [g] haja obstrução completa à saída do ar para o meio externo, a musculatura supraglotal encontra-se relaxada, permitindo sua expressão e o conseqüente deslocamento da coluna de ar, o que provoca a vibração das cordas vocais. (pg. 42)

É interessante notar que o gramático latino Terenciano já notava essa diferença entre consoantes tensas e não tensas, ou brandas:

Também o /c/ e o /g/, como se escreveu acima, próximas quanto ao som, diferenciam-se pelo esforço e enrgia da boca[...] o /g/ torna mais branda a força da consoante precedentes [isto é do /c/], pela mesma posição da língua e maior aproximação do palato (apud Faria 1957: 86)

Outro gramático latino, Mário Vitorino, descreve a diferença entre /p/ e /b/

“[ambas] proferem-se diferentemente entre si pelo trabalho da boca, pois a primeira, /b/, é pronunciada numa explosão de voz do meio dos lábios, a segunda é pronunciada com a boca que apertada para dentro e numa explosão da voz. (apud Faria 1957: 86)

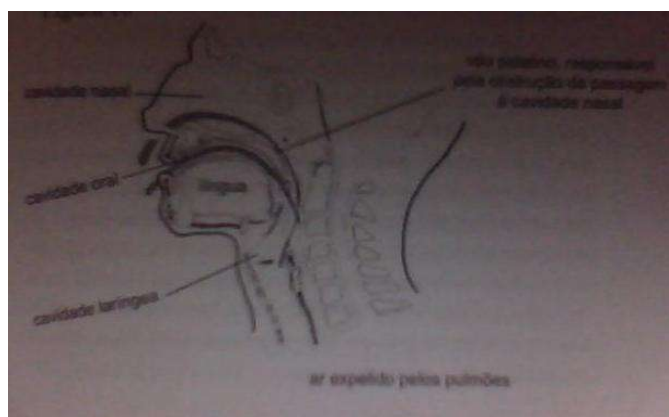
Terenciano ainda nos oferece a distinção entre si pelo trabalho entre o /d/ e o /t/: “o /d/ tem origem pelo contato da língua junto aos dentes superiores... O /t/ é produzido com esforço pelo contato da língua contra os dentes (apud Faria 1957: 111). Embora o próprio Faria, do qual colhi estes excertos, imagine, a meu ver inadequadamente, que os gramáticos latinos não atinaram precisamente com o que determinava a diferença entre

eles, isto é, a própria natureza do fonema, sendo o /d/ sonoro e o /t/ surdo, e que se perderam em considerações especiosas e inexistentes, os gramáticos atinham-se não à sonoridade ou ausência da sonoridade, mas, especificamente, à tensão ou ausência de tensão da musculatura supraglotal.

CAVIDADE NASAL

Após a passagem pela laringe, o equilíbrio entre as pressões do ar interna e externa ao corpo somente estará restabelecido se as demais passagens do caminho estiverem desobstruídas. Acima da laringe, após a *epiglote*, o caminho bifurca-se em duas passagens: para cima, na direção das *cavidades nasais*, e para frente, na direção da *cavidade oral*. O *véu palatino* é responsável pela passagens para trás, por ação voluntária, encostando-se à *nasofaringe* e, conseqüentemente, obstruindo a passagem de ar por aquela via. Relaxado, retorna à posição inicial, desobstruindo a passagem. Caso a passagem pela cavidade oral encontre-se estas até que se restabeleça a diferença entre as pressões interna e externa. Estando ambas abertas, o ar escapa em parte por uma e em parte por outra. Após o término da fonação, é comum que se feche a cavidade oral, de modo que o ar ainda sob pressão nos pulmões escape apenas pelo nariz. (Cagliari 1981: 107)

Figura 4



CAVIDADE ORAL

Durante a passagem do ar pela cavidade oral, é possível executar diversos movimentos que produzem obstrução. Basicamente, dois órgãos são utilizados, na boca, para isso: a *língua e os lábios*. As formas de obstrução que se realizam com a língua decorrem da aproximação de suas partes a lugares fixos.

Língua: pode articular-se de diversas maneiras:

- É possível retraindo a língua, levando-a para trás, na direção da *faringe*, encostando-a completamente até interromper o fluxo de ar, ou até que a passagem fique tão estreita que o ar provoque ruído ao fluir entre a raiz da língua e a faringe.

- É possível elevar o *dorso* da língua na direção da *úvula*, do véu palatino e, mesmo, de outros lugares do *palato*.
- É possível obstruir a passagem do ar pela cavidade oral por meio da movimentação da *coroa* da língua.

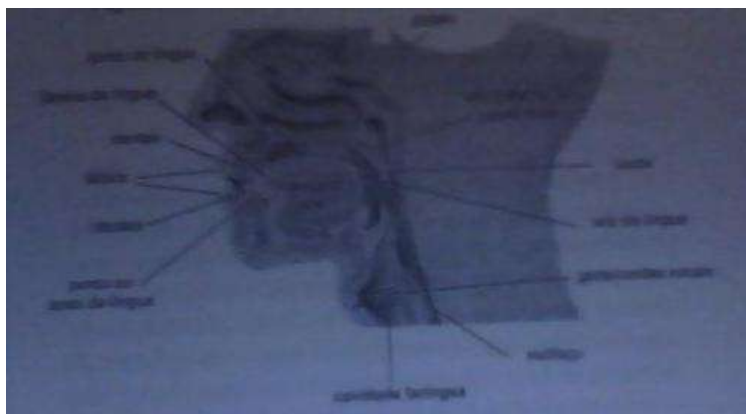
Chama-se coroa da língua justamente sua parte anterior, podendo-se dividi-la em *ápex*, ou ponta da língua, e *lâmina*, que é a parte um pouco mais larga imediatamente atrás da ponta da língua.

- É possível encostar, ou aproximar, o ápex ou a lâmina ao palato, aos alvéolos e aos dentes.

Movimentos realizados pela língua:

- Apicodental: um movimento do ápex da língua que tem como alvo os dentes
- Retroflexas (cacuminais): caracteriza-se pela movimentação da ponta da língua em direção ao palato, de maneira a fazer com que a parte inferior da língua atue como articulador.

Figura 5



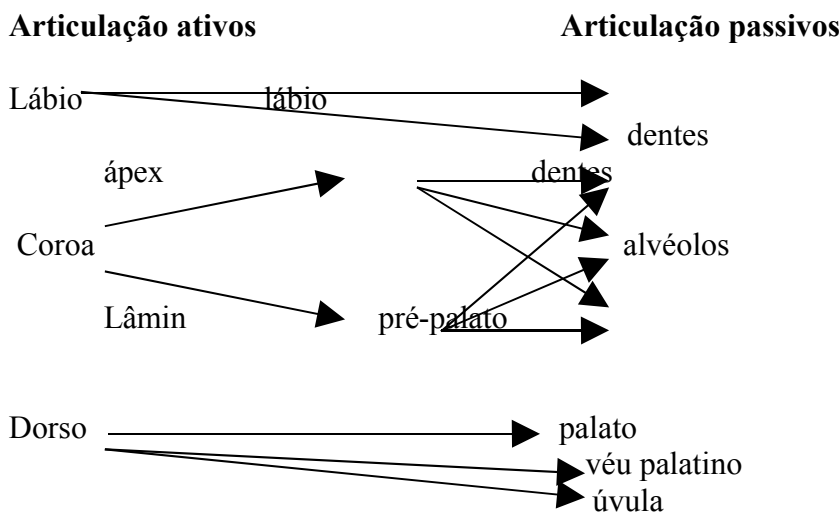
Dorso da língua	palato
Lâmina da língua	véu palatino palato mole
Dentes úvula	
Lábios raiz da língua	
Dentes	glote/ cordas vocais
Ponta ou ápex da língua	esôfago
Movimentos dos lábios	cavidade laringea

- Labiais: os movimentos, (bilabiais) o dos lábios um em direção ao outro e do (labiodental) lábio em relação aos dentes superiores.

ARTICULAÇÃO MÓVEIS (ativos) e IMÓVEIS (passivos ou alvo)

-“Os falantes da língua portuguesa, entretanto, não se utilizam de todas essas possibilidades articulatórias. De maneira bastante esquemática, pela movimentação dos

articuladores ativos em relação ao passivos, pode-se estabelecer as seguintes possibilidades combinatórias:



GRAUS DE ABERTURA/ APROXIMAÇÃO

SAUSSURE(1977: 55-61) propôs 7 graus de distanciamento ou de abertura, estabelecendo uma ordem para esses movimentos.

1. O grau zero: de abertura é o completo assentamento do articulador ativo no passivo, estabelecendo as articulações *oclusivas* ou *não-contínuas*.
2. O primeiro grau: de abertura é o contato entre articuladores, não completamente tensos, mas ligeiramente afastados, de maneira a forçar a passagem do ar por um canal estreito que se forma entre eles, provocando um atrito ruidoso. Essa articulação chama-se *fricativa*.

Obs: Articulações oclusivas e fricativas são consideradas, no seu conjunto, como articulações **obstruintes**. Somente consoantes obstruintes podem ser produzidas sem vibração das cordas vocais.

3. O segundo grau: de abertura caracteriza-se pela posição do véu palatino, que estabelece a articulação *nasal* para articulações oclusivas.

Obs: A ressonância nasal das oclusivas implica, portanto, a sonorização na língua portuguesa. Trata-se do limite das articulações a que chamamos *soantes*. As articulações soantes implicam sonoridade.

4. O terceiro grau: forma-se por um conjunto de possibilidades articulatórias as quais chamam-se: *lateral*, *“flap”* (“tap” ou *vibrante simples*) e *“trill”* (*vibrante* ou *vibrante múltipla*)

- A articulação lateral caracteriza-se pela obstrução apenas frontal da passagem do ar, diferentemente da oclusiva, na qual a passagem do ar é completamente obstruída.
- A articulação vibrante simples, ou *flap*, caracteriza-se pela interrupção rápida, com apenas uma leve batida do articulador ativo no articulador passivo.
- A articulação líquida, *trill* ou vibração múltipla, resulta de um movimento semelhante ao que faz as cordas vocais vibrarem: comprime-se o articulador ativo no passivo, deixando ligeiramente relaxada a parte que o toca, de maneira a permitir que a pressão do ar empurre-a vezes sucessivas, fazendo-a vibrar.

5. O quarto grau: de abertura não se caracteriza pela presença de obstrução à passagem do ar, mas por uma conformação da cavidade oral que provoque variação de ressonância no som produzido na laringe. Esse grau estabelece a articulação *vocálica*. Assim como as duas seguintes.

Obs: O quarto grau forma-se pela maior aproximação possível do articulador ativo ao passivo sem tocá-lo.

6. O quinto grau: de abertura, tomado como *médio*, divide-se, pela classificação tradicional, em duas posições intermediárias, *média alta* e *média baixa*.

7. O sexto grau: ou *abertura máxima*, forma-se pelo maior distanciamento possível dos articuladores. Entre esses extremos, situa-se o quinto grau de abertura, em que há muitas posições possíveis.

Grau de
abertura

	0	oclusivas		obstruintes
consoantes	1	fricativas		
	2	nasais		soantes
	3	Líquidas Vibrantes <i>glide</i>	aproximantes	
vogais	4-6			

AS ARTICULAÇÕES *VOCÁLICAS*.

Na fala fluente, as articulações vocálicas conjugam-se entre si e entre as demais, normalmente, com a realização de articulações intermediárias que decorrem dos movimentos de articuladores ativos de uma posição para outra. Essas articulações chamam-se *glides* ou *semivogais*.

A caracterização do *glides* faz-se pela posição inicial do movimento. Assim, se entre uma articulação dorsovelar e uma dorsopalatal, ou uma apicopalatal, interpõe-se um *glide*, ele será chamado dorsal, caso se deseje referir ao articulador ativo, ou velar, caso se deseje referir ao articulador passivo.

ARTICULAÇÕES SIMULTÂNEAS NA CAVIDADE ORAL (articulação africada)

Quando essas articulações têm diferentes graus de abertura, trata-se de articulações *africadas*, por exemplo, oclusiva coronal-alveolar e fricativa coronal-alveolar, ou oclusiva bilabial e fricativa bilabial, ou oclusiva apicoalveolar e lateral apicoalveolar. Nesse caso, as articulações não se percebem simultâneas, mas uma imediatamente pós a outra. Na língua portuguesa, a realização africada mais comum manifesta-se, em alguns dialetos, quando ocorrem oclusivas coronais precedendo vogal anterior alta, como em *tia* e *di*.

Esquema dos conjunto das relações simultâneas: abertura e cavidade que ocorrem.

	<i>m</i>	<i>e</i>	<i>s</i>	<i>a</i>
Cavidade laríngea	sonora	sonora	Surda	sonora
Cavidade nasal	nasal	nã-nasal	Não-nasal	Não-nasal
Cavidade oral a.a	Lábio inferior	coroal	coroa	dorso
Cavidade oral a.p.	Lábio superior	alveólos	alvéolos	Véu palatino
Cavidade oral m.a.	oclusiva	fricativa	fricativa	vocálica

Critério da simultaneidade, considerou-se apenas uma forma de pronúncia. Outras pronúncias, entretanto, podem ocorrer, por exemplo, com /e/ e/ou /s/ como nasais, /a/ como vogal de altura média dorsopalatal, ou outras. A descrição de cada conjunto articulatório deve ser objetiva, levando-se em conta as articulações realizadas, e não as preconizadas pelas propostas normativas tradicionais.

Exemplo: Um falante do espanhol como língua materna que venha a aprender tardiamente a língua portuguesa provavelmente realizará o conjunto articulatório /s/, descrito acima, como surdo, isto é, sem vibração das cordas vocais.

Nota sobre a peculiaridade da língua: Embora grupos homogêneos de falantes de um mesma língua tendam a produzir conjuntos de articulações de maneira bastante semelhante, isso não é uma regra: **indivíduos têm suas próprias características articulatórias, adquiridas desde a infância, que devem estar refletidas nas descrições de suas produções dos sons da fala.**

ARTICULAÇÃO COMPLEXAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

São articulações que se realizam em um só tempo, são raras. Ocorrem, entretanto, na realização vocálica posterior quando há concomitância dos movimentos labiais e

dorsovelares, como em [/u/ /o/ /ɔ/]. No caso particular dessas realizações, são chamadas tradicionalmente de *arredondadas*. Também ocorre, em alguns dialetos, a concomitância de articulações apicoalveolares laterais e dorsovelares, como em [falta] ou [multa].

CADEIA DA FALA

Embora a cadeia sonora da fala realiza-se por meio de uma seqüência de articulações, é possível segmentá-la em conjuntos articulatorios que ocorrem simultaneamente e repetidamente. Uma seqüência qualquer, como quando pronunciamos isoladamente a palavra *mesa*, por exemplo, caracteriza-se por conjuntos articulatorios subseqüentes.

EXERCÍCIO

Após a inspiração inicial, com a pressão subgotal aumentada, lábios encontram-se um ao outro, o véu palatino relaxa-se e as cordas vocais são colocadas em vibração. Imediatamente após esse momento a de oclusão bilabial, os lábios afastam-se, o véu palatino tensiona-se, obstruindo a passagem para a cavidade nasal, a coroa da língua projeta-se ligeiramente para a frente, um pouco acima da arcada inferior e sustenta-se a vibração nas cordas vocais. Logo em seguida, a coroa da língua aproxima-se dos alvéolos até tocá-los de forma não completamente tensa, para não interromper o fluxo contínuo do ar, sustenta-se a vibração das cordas vocais e mantém-se a tensão no véu palatino. Em seguida, a coroa da língua abaixa de uma só vez, sustentando-se a passagem do ar, o que é feito ou suspendendo-se o relaxamento progressivo dos intercostais e do diafragma, acompanhado de uma oclusão glotal, ou elevando-se o dorso da língua até encostar na região velar, interrompendo a passagem do fluxo de ar pela cavidade oral, e relaxando-se o véu palatino de maneira a permitir que o ar residual escape pela cavidade nasal, ou, ainda, realizando-se essas articulações todas de uma só vez.

TOXINÔMICAS DOS SONS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

Quanto ao modo de articulação ou grau de abertura:

Consoantes: vinte e oito consoantes sonoras
obstruintes: dezoito consoantes
oclusivas: onze consoantes
fricativas: dez consoantes
soantes: doze consoantes e sete vogais
nasais: três consoantes
aproximantes: nove consoantes
laterais: três consoantes
vibrantes: quatro consoantes

Vogais: oito

vogais altas: duas
 vogais médias: cinco
 vogal baixa: uma

Quanto aos articuladores:

ATIVOS

Labiais: cinco
 Coronais: dezessete e três vogais
 Apicais: onze
 laminais: seis e quatro vogais
 Dorsais: oito e cinco vogais

PASSIVOS

Labiais: três e três vogais
 Dentais: quatro
 Alveolares: dez consoantes
 (pré)-palatais: sete e três vogais
 Velares: cinco e cinco vogais
 Uvulares: (x) r

Quanto à sonoridade:

surdos: nove consoantes
 sonoros: vinte e oito vogais

	<i>Bilabial</i>	<i>Labio dental</i>	<i>Coronal dental</i>	<i>Coronal alveolar</i>	<i>Coronal pré-palatal</i>	<i>reflexa</i>	<i>Dorso-palatal</i>	<i>Dorso-velar</i>	<i>uvular</i>
OCCLUSIVA	p b			t d			c ʃ	k g	
AFRICADA					tʃ dʒ				
FRICATIVA	β	f v	θ δ	s z	ʃ ə			x γ	
NASAL	m			n			ŋ		
LATERAL				l			λ	ʁ	
FLAP				r					
TRILL				r					R
APROXIMANTE	w					J	j		
V. alta	(u)				i ã			u ã	
V. m. alta	(o)				e ê			o õ	
V.m. baixa	(ɔ)				ɛ		ɔ Ê	ɔ	
V. baixa								a	

ESTUDOS NESSE SÉCULO: estudos assumem proposição do Estruturalismo.
Motivo: inventário fonológico da língua portuguesa.

“FONEMA”: “ A proposta estruturalista era peremptória, pressupondo que o contraste entre pares mínimos era insuficiente para a definição de uma unidade lingüística a que chamavam “fonema”. (pg59)¹

Exemplo: “ao se contrapor as seqüências de sons: [mala] e [bala], em que diferença entre elas decorre especialmente da diferença entre elas decorre especialmente da diferença entre:

[m] e [b]

tem-se o contraste entre a nasalidade e a não-nasalidade. Por se tratar de palavras diferentes, forma-se uma oposição significativa entre:

[m] e [b]

definido cada qual como um fonema diferente do outro, pelo traço da nasalidade. Fato semelhante ocorre entre:

[nata] e [data]

que define:

[n] e [d]

como fonemas diferentes.

Comentário: Apesar desse argumento ser uma evidência forte para a definição da nasalidade como um traço distintivo, o que é claramente um ganho teórico para a definição da nasalidade como um traço distintivo, o que é claramente um ganho teórico para os modelos de análise fonológica. Ele, entretanto, não dá conta de justificar por que a nasalidade, como traço distintivo, vincula-se, na língua portuguesa, aos segmentos oclusivos sonoros, exclusivamente; isto é, os falantes só reconhecem a nasalidade consonantal quando esta ocorrer segmentos fricativos e, na maioria das vezes, nem os seguem notar como nasais.

A distinção entre os elementos bilabiais e labiodental sonoros, se desfaz, em:

[b] e [v]

Estabelecem nos dialetos, segundo os modelos estruturalista, uma neutralização de traços distintivos. O que não ocorre entre segmentos bilabiais e labiodental surdos,

[p] e [f]

Conclusão: O que parece vincular a neutralização à sonoridade de segmentos labiais.

Esses contra-argumentos relativos ao modelo de análise estruturalista apontam para o fato de que parece haver uma relação mais íntima entre alguns traços do que entre outros que formam os segmentos da fala.

Exemplo: A nasalidade precisa associar-se a um traço que também considere a sonoridade e a oclusão. Na medida em que segmentos consonantais nasais só serão

¹ LER: O ESTRUTURALISMO, Jean Piaget, tradução de Moacir Renato de Amorim, ed. Difusão européia do livro, 1970,

reconhecidos como tais se forem oclusivos e sonoros, isso implica uma redundância de traços que deve ser considerada na análise.

Comparação

palavras *alma* e *arma*
dialeto caipira [áJma] (homofôna)
dialeto paulistano [ávma] e [árma]

palavras *calda* e *cauda*
dialeto caipira [káJda] e [kávda]
dialeto paulista [kávda](homofôna)

Obs: “é processo de comentário e, geralmente, de estigmatização em cada grupo de falantes.

DISTRIBUIÇÃO COMPLEMENTAR

segue o Modelo Estruturalista.

Trata-se de um argumento intimamente associado ao contraste por pares mínimos. Há diversos segmentos que não se permitem constatar em pares mínimos por não ocorrerem no mesmo ambientelingüístico: em alguns dialetos do português.

Exemplo:

Africadas [tʃ] e a oclusiva [t]

Não há como contrastá-las entre si porque, como se verá adiante, jamais ocorrem em ambientes lingüísticos idênticos, isto é, formando pares mínimos :

[tʃ] ocorre diante de [i]

[t] ocorre antes das outras vogais, mas não ocorre diante de [i]

Trata-se, pois, de um argumento forte que aponta para o fato de que ambos os segmentos são apenas realizações fonéticas diferentes de um mesmo fonema, isto é, os falantes não reconhecem que ambas as realizações são diferentes entre si.

PERGUNTA: Por que ocorre [tʃ] antes de [i], e não de [e] ou de [ɛ], ou de qualquer outra vogal.

R: Por ter sido um movimento que propunha mudanças radicais nas concepções teóricas da análise lingüística, o estruturalismo, teve de assumir uma postura firme a exclusividade da abordagem diacrônica e preconizar a abordagem sincrônica, ao excesso. Tratava-se de uma postura necessária na época, já que não poderia, nem se pode, fazer uma revolução de centro, tendo-se que optar por um dos pólos em jogo.

-Dessa maneira, as leis fonéticas, por exemplo, foram reinterpretadas e aceitas como fatos pertencentes à língua.

REINTEPRETAÇÃO DO [tʃ]

A distribuição complementar entre
[tʃ] e [t], por exemplo,

passou a ser reintepretada como uma regra de palatização, semelhante aos metaplasmos da análise diacrônica: pode-se dizer que, na variação de [t] para [tʃ],

o segmento [t] passa a compartilhar da articulação palatal do segmento [i].

O SEGMENTO [s] e [z]

∞ Esse foi um ganho considerável, pois permitiu que se definissem traços de segmentos a partir de sua distribuição. Se o segmento [s], em oposição final de sílaba, sonoriza-se em [z], necessariamente, antes de segmento que se lhe segue, e não se sonoriza antes do segmento [x] é um segmento surdo na língua portuguesa, por exemplo.

PROCEDIMENTO TOMADO

O contraste entre pares mínimos é, ainda hoje, um dos procedimentos largamente utilizados, pois, como já vimos, permite-nos fazer afirmações seguras sobre quais diferenças articulatórias os falantes reconhecem e quais não reconhecem na língua. Entretanto, há que se distinguir entre duas possibilidades do reconhecimento de diferenças articulatórias feito pelos falantes:

1. As diferenças que se reportam, exclusiva e conjuntamente, a uma variação de significado nas seqüências fônicas contrastadas.
2. As que não se reportam a essa mesma variação, isto é, reportam-se a diferenças regionais ou estilísticas.

TROUBETZKOY (1973: 29)

Dessas duas possibilidades do reconhecimento de diferenças articulatorias feito pelos falantes, definiu TROUBETZKOY, as primeiras como fonologicamente distintas e as segundas como não distintas.

Consoantes

SONORIDADE

- OPOSIÇÃO: sonoras/surdas

Fazendo a comparação quanto às articulações próprias da cavidade laríngea, poderemos verificar uma distinção de sonoridade (surdas / sonoro) bastante bem definida para praticamente todos os segmentos oclusivos e fricativos, como se pode ver abaixo:

Exemplo:

p/b – xówpa/xówba (roupa/rouba)
pijádu/bijádu (pixado/bichado)

t/d – xekátu/xekádu (recato/recado)

f/v – fejádu/vejádu (inferno/inverno)

“O que é ainda mais notável ao se verificar que a mesma possibilidade de diferenciar segmentos ocorre em formas que não existiam no latim, como [ʃ] e [ʒ].”

Exemplo:

[ʃatu/ ʒatu] chato/jato

Que se diferenciam exatamente pela variação de sonorização, têm cognatos latinos *plattu* e *jactu*, respectivamente, os quais não apresentam as mesmas características dos cognatos da língua portuguesa.

1. posição inicial de palavras
2. após sílabas travadas

NASALIDADE

- OPOSIÇÃO: oral/nasal

Articuladores

1. bilabial/não-bilabial
2. coronal-alveolar/não coronal-alveolar
3. coronal-alveolar africada:não coronal-alveolar
4. dorsopalatal/não-dorsopalatal
5. dorsovelar/não-dorsovelar

Abertura

1. bilabial/não-bilabial
2. labiodental/não-labiodental
3. coronal-alveolar/não-coronal-alveolar
4. coronal pré-palatal/ coronal não pré-palatal

Biblioteca Pública Mário Schenberg
São Paulo- SP
Prof. *Fábio Cyaresma*

APROXIMANTES

AS VOGAIS

ARTICULADORES

1. coronais/dorsais
2. orais
3. nasais

NASALIDADE

ABERTURA

1. coronais
2. dorsaislabiais

DITONGAÇÃO

Ditongação crescentes
Ditongação decrescentes

AGRUPAMENTO SILÁBICO

A NOÇÃO DE SÍLABA

Apesar de ser uma das unidades lingüísticas difíceis de se definir – característica que partilha com a noção de palavra e de frase – a noção de sílaba remonta à própria antigüidade greco-romana, quando serviu de base para a elaboração da escrita chamada silábica, cujo desenvolvimento originou as escritas fonéticas ou fonológicas tal como as conhecemos hoje e usamos para a língua portuguesa.

FERREIRA & TEBEROSKY (1985)

-Apresentaram evidências convincentes de que a criança alfabetizada possui uma intuição clara de que **os segmentos da língua estão agrupados na forma de sílaba e de que procuram representar esses agrupamentos com unidades gráficas** no momento em que estabelecem o que as pesquisadoras chamaram de *hipótese silábica*.

AS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

- descrição
- normatização das línguas

Característica: sílaba apriorística.

Biblioteca Pública Mário Schenberg
São Paulo- SP
Prof. *Fábio Quaresma*

CUNHA & CINTRA (1985)

Apresentam a noção de sílaba como um fato intuitivo dos falantes, que, quando pronunciam lentamente uma palavra, dividem-na “**em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantas forem as vogais**”.

EXEMPLO COMPARATIVO:

No dialeto caipira falado no Vale do Paraíba, é bastante característico o segmento apicopalatal [J], que distingue esse dialeto paulistano, que realiza [r] nas formas cognatas:

Dialeto caipira		Dialeto paulistano	
/p ɔJta/	porta	/p ɔrta/	porta
/fornu/	forno	/fôrnũ/	forno
/téJsu/	terço	/térsu/	terço
/lugaJ/	lugar	/lugar/	lugar

Obs: Entretanto, em posição inicial ou intevocálica, pode ocorrer [x] (e [r] para o dialeto de Tubaté

Dialeto de Taubaté Dialeto paulista

/xua/ ~ /rúa/		ruC:\Documents and Settings\cliente\Meus documentos\LINGÜÍSTICA\FICHAMENTO\FICHAMENTO NETTO Waldemar Ferreira Introdução fonologia da língua portuguesa São Paulo Hedra 2001.doca
/xúa/	rua	
/kaxu/~/káru/	carro	/káxu/ carro
/karega/~/karega/	carrega	/kaxega/ carrega

DIFERENÇA: a diferença entre ambos os dialetos manifesta-se, pois, mais óbvio em posição final de palavras ou precedendo consoante. Quando ocorrem **junturas** de palavras, ou formações morfológicas, a situação é um pouco diferente:

Dialeto de Taubaté		Dialeto paulistano	
/lugáJ áJtu/		/lugár awtu/	(lugar alto)
/lugáJ k'e't'i/		/lugár k'e't'i/	(lugar quente)
/súpeJ amígu/		/súper amígu/	(super amigo)

A diferença entre os dialetos tem de igualmente considerar uma unidade maior do que os segmentos para explicar as posições que provocam tais variações, isto é, as margens direita e esquerda da sílaba.

ENCONTRO CONSONANTAL (EC)

Valendo-se do critério distribucionais para evidenciar os agrupamentos silábicos do português, observamos que ocorrem diversas regularidades referentes a *encontros consonantais* (EC)

- há EC de no máximo quatro unidades segmentais;
- EC de quatro unidades segmentais sempre têm [s] na segunda posição, a contar da esquerda, e [r] na quarta, a contar da esquerda;
- o segmento [s], quando ocorre em EC, em alguns dialetos do PB, tem variação fonética com [ʃ] (no carioca, por exemplo)
- em EC, o segmento [s] não ocorre precedendo consoantes sonoras;
- o segmento [z] só ocorre à esquerda em EC e sempre está precedendo consoantes sonoras.

BECHARA (1999) CUNHA & CINTRA(1985) ROCHA LIMA(1979) LUFT(1978)

Caracterizam *a sílaba da língua portuguesa como um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório, cujo elemento essencial é a vogal.*

CLASSIFICAÇÃO DA SÍLABA

BECHARA

1. **simples:** quando é constituída apenas por uma vogal;
2. **composta:** quando é constituído por mais de um fonema;
3. **aberta (ou livre):** são as sílabas compostas terminadas por vogal;
4. **fechada (travada):** são as sílabas compostas terminadas por consoantes ou semivogal;

Classificação suplenar

1. **inicial:** quando ocorre em início de palavra.
2. **Média:** quando ocorre em meio de palavra.
3. **Final:** quando ocorre em final de palavra.

PRINCÍPIOS DE CLASSIFICAÇÃO

- a) as sílabas em português são constituídas a partir das vogais;
- b) consoantes podem constituir sílabas, antes e/ou depois das vogais;
- c) apenas as consoantes que ocorrem depois das vogais são pertinentes para a classificação proposta;

Biblioteca Pública Mário Schenberg
São Paulo- SP
Prof. Fábio Quaresma

ESTRUTURA INTERNA DA SÍLABA PORTUGUESA

São possíveis as seguintes combinações:

V= vogal

C= consoantes

S= semivogal

V -----/sa.ú.va/

VC-----/ɔr.dem/

CV-----/mé.za/

CCV-----/prá.tu/

CVC-----/p ɔr.ta/

CVCC-----/pers.pi.kás/

CCVC-----/fler.tár/

CCVCC-----/trɛⁿ.s.p ɔr.te/

VS-----/ów.tru/

VSC-----/éjs/

CVS-----/kój.za/

CCVS-----/trów.si/

CVSC-----/káws.ti.ku/

CCVSC-----/zⁿ.ses.trájs/

*CVSCC

*CCVSCC

CLEMENTS & KEYSER (1983)

Propuseram que todas as línguas obedecem a padrões previamente estabelecidos quanto aos agrupamentos silábicos:

- Todas as línguas padrão CV;
- Há línguas que permitem supressão da consoante à esquerda do ápice silábico;
- Há línguas que permitem consoantes à direita do núcleo silábico;

Assim, propõem a seguinte tipologia para as línguas:

Tipo 1: CV: -- aceitam somente *a*, portanto, não têm encontros vocálicos ou consonantais heterossilábicos na cadeia da fala:

Tipo 2: CV V: -- aceitam *a* e *b*, portanto, não possuem encontros consonantais heterossilábicos;

Tipo 3: CV CVC: -- aceitam *a* e *c*, portanto, não possuem encontros vocálicos heterossilábicos;

Tipo 4: CV V CVC VC: -- aceitam *a*, *b* e *c*, portanto, têm encontros vocálicos e consonantais heterossilábicos;

CONCLUI-SE

Na margem esquerda de sílaba, só podem ocorrer dois elementos C, se, e somente se, o que estiver contíguo ao elemento V nuclear for soante oral. Se, na língua portuguesa, possuem essas características os segmentos [l], [ʎ], [λ], [r], [J], [R], [j] e [w] sendo que [λ] e [r] não ocorrem à esquerda em Ecs, temos que [l], [ʎ], [r], [J], [R], [j] e [w] vão satisfazer a condição. CINTRA (1978) chama a atenção para o fato de que na fala espontânea, não cuidada, apenas ocorrem nessa posição [r], [l], [j] e [w].

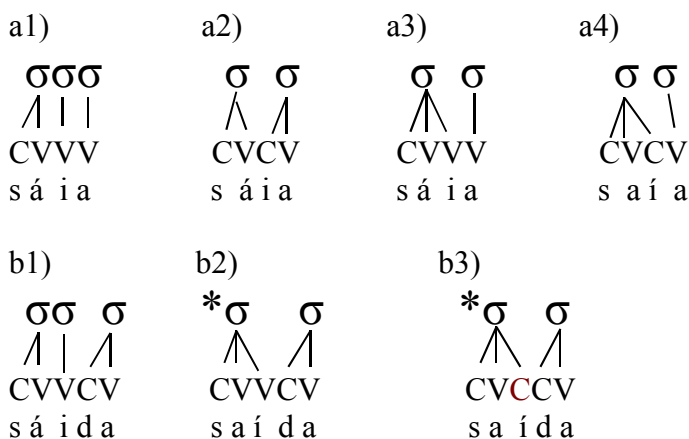
c) VC* — σ



Isso gera uma divisão silábica que está de acordo com o que é proposto pela gramática tradicional.

DISCURSÃO GLITES, ou SEMIVOGAL

A ocorrência ou não dos *hlites*, ou *semivogal*, como elementos subjacentes na língua portuguesa pode ser discutida pela própria teoria de CLEMENTS & KEYSER. Segundo eles, a definição de segmentos como C ou V não depende do conjunto de traços fonológicos dos segmentos que ocupam essas posições; assim, apesar de a língua portuguesa selecionar para a posição do núcleo silábico – portanto, V – apenas segmentos com traço vocóide, isso não implica que esses mesmos segmentos não possam ocorrer em margens de sílaba. As seqüências de segmentos [sáia] e [saída] poderiam se *silabificadas* de diversas maneiras:



EXPLICAÇÃO:

Segundo a gramática tradicional, apenas (a1) e (b1) seriam possíveis, pois, no caso descrito em (b3), estamos diante de ditongo, isto é, segmentopós-vocálico com caráter consonantal, portanto, uma semivogal; no caso descrito em (a4), estamos diante de um

ditongo, isto é, segmento pós-vocálico com caráter consonantal, portanto, uma semivogal; no caso descrito em (b1), estamos diante de um hiato, isto é, um encontro vocálico **heterossilábico**. As possibilidades de divisão silábica que vemos em (a1-3) são divisões possíveis, ao contrário das que vemos em (b2-3), a restrição para que tais ocorram relaciona-se diretamente ao fato de que tais ocorram relacionando-se diretamente ao fato de que o segmento [i] porta o acento característico da sílaba. **Isso aponta para uma diferença de sonoridade que deve ser considerada na divisão silábica.(pg151)**

CÂMARA Jr. (1977)
NÚCLEO SILÁBICOS

Lembra que a noção de sonoridade de segmentos para estabelecer núcleos silábicos e um fato conhecido desde meados do século XIX e resume as propostas que se faziam até o início do século XX, afirmando que o ápice silábico é respectivamente “o momento da maior expiração, da maior energia da emissão e de maior perceptibilidade”, o que associa aos graus de abertura da teoria saussureana, que já discutimos anteriormente, afirmando, também, que o “abrimento é paralelo ao fato acústico da sonoridade ou perceptibilidade anteriormente, afirmando, também, que o “abrimento é paralelo ao fato acústico da própria abandone a teoria, por não obter os resultados desejados no que diz respeito à definição das margens silábicas, a proposição de se definir o centro silábico pela sua sonoridade não deixou de ser considerada nas teorias lingüísticas.

BISOL(1999)

baseado em proposta de CLEMENTS

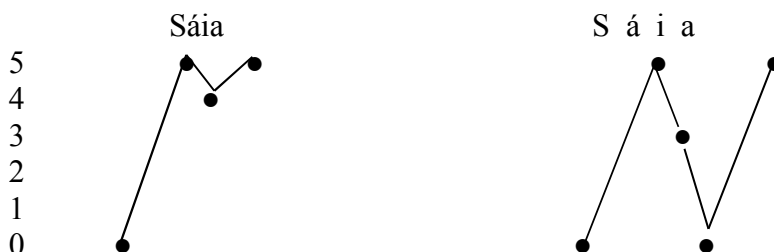
Propõe que haja uma escala de sonoridade própria dos segmentos do português, algo semelhante à antiga proposta de graus de abertura de Saussure:

<i>obstruinte</i>	<i>nasal</i>	<i>líquida</i>	<i>[i]</i>	<i>[e ε o ɔ]</i>	<i>[a]</i>	
			-	-	+	Aberto 1
-	-	-	+	+	+	Aberto 2
-	-	-	+	+	+	vocóide
-	-	+	+	+	+	aproximante
-	+	+	+	+	+	soante
0	1	2	3	4	5	sonoridade

A tabela acima aponta para característica intrínseca da formação articulatória de cada segmento. Dessa maneira, segmentos obstruintes não podem ser soantes, aproximantes nem vocóides; nasais são soantes, mas não aproximantes nem vocóides; líquidas são soantes aproximantes, mas não são vocóides; e as vogais são soantes aproximantes e, obviamente, vocóides. Na medida em que a distinção de sonoridade das vogais mantém a distinção saussureana dos graus de abertura, é possível estabelecer a **diferença entre vogais e semivogais** pela sua sonoridade, tal como fora proposto por SALI ALI (1963).

CARACTERIZAM-SE OS NÚCLEOS SÍLABICOS

Os núcleos silábicos caracteriza-se, pois pelo ápice de sonoridade da seqüência de segmentos.



GESTIONAMENTO DA GRAMÁTICA TRADICIONAL

No caso de [sáia] o estabelecimento dos núcleos silábicos foi de acordo com o preconecito pela gramática tradicional, que não admite, nesse cso, que a forma seja tradicional, que não admite, nesse caso, que a forma seja trissílaba. A vogal [i] terminou por ser interpretada como elemento que não forma núcleo silábico, eliminando, portanto, a silabificação proposta em (a1). Trata-se de um fato próprio das vogais com abertura mínima que, foneticamente, confundem-se com *glides* ou semivogal ou semiconsoantes. Não há, entretanto, uma evidência clara de que a seqüência [sáia] tenha de silabificar-se [sái.a], dissílabo como (a4), e não [sá.ia], igualmente dssílabo como em (a2) ou em (a3).

No caso de [saída], o mesmo procedimento não resultou na silabificação preconizada oela gramática tradicional. O segmento [i] teria de ser considerado necessariamente um segmento [i] teria de ser considerado necessariamente um núcleo silábico, independentemente de suas características articulatórias. Nesse caso, somos obrigados a lançar mão da hipótese de que o acento, à revelia da escola proposta, imprime sonoridade suficiente aos segmentos de maneira a permitir-lhe serem centro de sílaba.

HALLE & VERGAUD (1990)

Propõem que as línguas selecionadas subjuntos específicos de segmentos que podem ser acentuados. Conforme vimos anteriormente, na língua portuguesa esse conjunto é formado exclusivamente por vogais, logo, se [i] em [saída] é acentuado, ele deverá ser considerado vogal, o que o torna candidato à posição V; mas isso não é conclusivo em relação à questão de ser ou não centro de sílaba.

NÚCLEO SILÁBICO

BISOL (1989)

Analizou os encontros vocálicos em que ocorre vogal de abertura mínima que não porta acento e se localizasse à direita do encontro – isto é, os *ditongos decrescentes* – quando à sua distribuição na cadeia segmental.

- Ditongo decrescente: é a abertura mínima que não porta acento e se localizasse à direita do encontro.

Comparando as seqüências:

aur **r**á desvairáda
 aurir páira

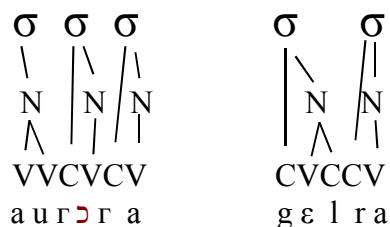
Com as seqüências, ainda que raras:

g**l**ra f**l**réiu
 m**l**ru b**l**ru

CONSTATAÇÃO

Verifica-se que o segmento [r] ocorre após **encontro vocálicos** mas não ocorre após segmentos que não sejam vocódes – senão nos casos, como já vimos, em que formam um encontro consonantal tautossilábico, sucedendo apenas segmentos obstruintes oclusivos e [f] ou [v] – em margem esquerda de sílaba. Pode-se notar uma diferença quanto à distribuição dessas seqüências. É possível estabelecer a hipótese de que as seqüências V[lr] e V[sr] ocupam posição VCC, respectivamente, enquanto que as seqüências V[ir] e V[ur] ocupam posições VVC, respectivamente.

A partir dessas constatações, BISOL(1989) propõe que as seqüências VV, nos casos ora em foco, formam um núcleo silábico complexo:



DITONGO

BISOL(1989) ainda faz a distinção entre ditongo leves, ou falsos, e ditongos pesados, ou verdadeiros. Considera que os ditongos leves são realizados apenas como **formas fonéticas superficiais**, pois são formados pela adjacência de alguns segmentos, enquanto que os ditongos verdadeiros apresentam-se como tais subjacentes. A evidência que aponta para essa distinção é de caráter distribucional:

falsos ditongos:

péi.ji ou pé.ji
 kái.ja ou ká.ja

ditongo verdadeiros:

xei.tór mas *xe.tor
 ir.m3u mas *ir.mú
 páu.ta mas *pá.ta (com menos significação)
 koi.tá.du mas *ko.tádu (com o mesmo significado)

Os **ditongos verdadeiros** fazem contraste com as formas em que a vogal da direita é suprimida e os falsos ditongos não fazem, como se pôde observar nos exemplos acima.

Descarta os **falsos ditongos** como formas subjacentes e presume a seguinte estrutura silábica para os verdadeiros ditongos, propondo, assim, a existência de uma hierarquia na constituição da sílaba do português.



CONCLUSÃO

Apesar de todas as vogais poderem ocorrer em posição de núcleo, algumas estão sujeitas a variação de qualidade de qualidade, conforme a posição que ocupam na seqüência segmental:

EM SÍLABA TÔNICA

- a — ɜ quando precede segmento nasal em outra sílaba: *ká.ma
- a — ɜ quando precede segmento nasal na mesma sílaba: *kán.tu
- ɛ ~ e quando precede segmento nasal em outra sílaba: ɔɛ' mi ~ 3é.mi
- ɛ — e quando precede segmento nasal na mesma sílaba: *vɛ'.tu
- ɔ — o quando precede segmento nasal em outra sílaba: ɔ. mɛ^j ~ ó.mɛ^j
- ɔ — o quando precede segmento nasal na mesma sílaba: *k ɔ^w. Tu

EXPLICAÇÃO

Essa alternância na qualidade vocálica, entretanto, é bloqueada quando entre a vogal nuclear silábica tônica e a nasal subsequente há um segmento qualquer, referente aos padrões silábicos VC, CVC ou CCVC:

- fáw.na mas sem a possibilidade *fɜw.ma
- ẽ^j fɛr.mu mas sem a possibilidade *ẽ^j fɛr. Mu

EXPLICAÇÃO

Esse fato aponta para a concepção de sílaba em que as consoantes [r], [l] e [u] distanciam as nasais da sílaba subsequente do núcleo da sílaba em foco. O que nos permite conceber a semivogal [w] com o mesmo estatuto das consoantes [r] e [l]. Assim, todos esses três segmentos encontram-se na margem direita da sílaba: VC, CVC ou CCVC.

Fato um pouco diferente ocorre quando é a vogal [i] que intercede:

Exemplo:

p3i.na ou pái.na
bói.na ou b ɔi.na

EXPLICAÇÃO

Em realação às seqüências heterossilábicas [éi.m] ou [éi.n], não há variação com [ɛi.m] ou [ɛi.n], mesmo nos dialetos que realizam [páina] ou [b ɔina]. Esse fato aponta para um fenômeno um pouco diferente daquele que ocorre com os segmentos [r], [l] e [u] em relação ao núcleo silábico: a alternância vocálica pode ocorrer, o que indica que não há bloqueio para o processo. Deve-se entender que, diferentemente de [r], [l] ou [u], o segmento [i], não se encontra na mesma posição de margem direita da sílaba.

ARGUMENTAÇÃO:

O argumento acima implica, apenas, que a estrutura silábica da língua portuguesa tem de ser interpretada diferentemente do que foi proposto, pois há uma distinção bem evidenciada entre margem direita e a posição do segmento [i]. Será pois necessário postular uma posição intermediária entre o núcleo silábico e a margem direita da sílaba. (pg.156)

NÚCLEO SILÁBICO: ESTRUTURA HIERÁRQUICA

HOCKETT (1955)

Estabelece uma diferença: entre:

1. núcleo silábico simples,
2. núcleo silábicos complexos e
3. coda silábica, ou margem direita,

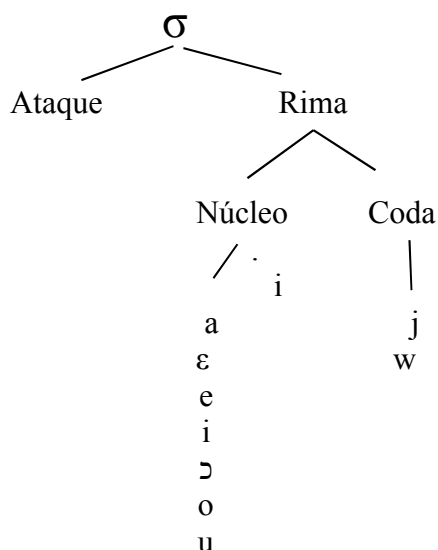
o que vai comprovados pelas descrições, por exemplos:

BISOL(1996)

MATEUS(1996)

NOVA DIVISÃO

O gráfico abaixo, que mostra apenas as possibilidades combinatórias de núcleo sílabico complexo e algumas possibilidades de coda, estabelece uma **nova divisão intermediária entre o núcleo silábico e a sílaba propriamente dita**. Trata-se da noção de *ríma*, que incorpora por sua vez o núcleo silábico e a coda, a qual, até agora estamos chamando de margem direita de sílaba. Também assumimos que a margem esquerda da sílaba possa considerar uma posição intermediária, o *ataque* (em inglês o nome mais comum é *onset*) silábico. Os argumentos para essas posições intermediárias serão dados mais adiante. Por ora, estamos apenas considerando a posição de núcleo silábico.



NOTA: Uma das seqüências que se nota é a possibilidade de [i] ocorrer tanto em posição de núcleo, formando um núcleo complexo, quanto na posição de coda. Isso define variações dialetais próprias da língua portuguesa – em algumas regiões do Brasil, por exemplo:

Norte, diz-se [pláina], [xoráima], [páina],
 Outras regiões diz-se [plɔina], [xorɔima], [pɔina]

Conclui-se: em algumas regiões a vogal [i] ocupa posição de coda silábica e em outras ocupa posição de núcleo silábico. Embora estejamos diante de segmentos com mesma qualidade articulatória, é viável considerar-se que, ao ocupar uma posição própria de consoante, o segmento vocálico tenha de ser tratado como consoantes, o que estabelece um critério para diferenciar-se segmentos semivocálicos e segmentos vocálicos: [i] e [u] para estes, e [j] e [w] para aqueles.

FRONTEIRA ENTRE DIALETOS

Dessa maneira, teríamos diferenças dialetais caracterizadas não só pelo alcance da nasalidade dos segmentos adjacentes, mas também pela qualidade dos segmentos: num caso estaríamos diante de [pláj.na], [xo.ráj.ma] e [páj.na] e, de outro, diante de [plɔi.na], [xo.rɔi.ma] e [pɔi.na]. Ainda que tais diferenças não se estabeleçam fonologicamente, tal como fora proposto por TRUBETZKOY, são reconhecidas pelos falantes e atuam como diacríticos capazes de estabelecer fronteiras entre dialetos.

BISOL (1999)

Entende que não haja duas posições no núcleo silábico no português. Argumenta que o português não possui vogais longas nem seqüências tautossilábicas vogal+semivogal+líquida, mas, ao contrário, a semivogal comporta-se exatamente como uma líquida em posição de coda. Trata-se, pois, ainda de uma questão não resolvida.

CODA SILÁBICA

Já que distinguimos duas posições internas da sílaba: número e coda, passemos pois a interpretação a coda. Nos exemplos abaixo, é possibilidade notar que a distribuição dos segmentos na posição de coda silábica está restrita a apenas duas possibilidades:

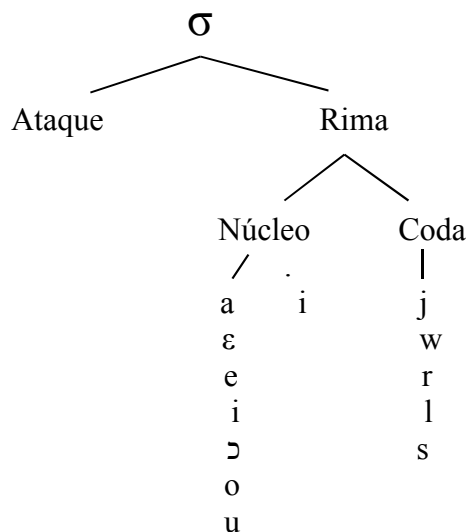
pos.tu.ra	ews.pɔs.tas	subs.trá.tu
xe.por.tár	fór.sa	per.na
káws.ti.ku	klaws.tro.fo.bí.a	pers.pek.tí.va
subs.trá.tu	sɔs.tí.si.u	es.pór

A posição de margem direita de sílaba, conforme se pode observar nos exemplos dados anteriormente, pode ser ocupada por uma grande variedade de segmentos: [s r l u i b k p t f], dentre outros. Embora o algariso de silabificação proposto dê conta de todas as possibilidades de coda preconizadas pelas gramáticas tradicionais, essa não é a posição comum de todos os autores. CÂMARA JR. (1979a: 57) assume que segmentos oclusivos obstruintes não ocorrem em margem direita de sílaba em língua portuguesa. Dentre os argumentos que apresenta, evidencia a epêntese vocálica que se manifesta na fala corrente:

	fala corrente
xít.mu	xí.ti.mu
áf.ta	á.fi.mu
xáp.tu	xá.pi.tu

RESTRICÇÕES

Embora essa inserção estabeleça um padrão acentual muito pouco aceitável na fala corrente da língua portuguesa, é bastante convincente, na medida em que restringe para a posição de coda apenas os segmentos soantes não nasais: [r], [l], [w], [j] e o segmento [s]:



Obs: o único elemento que pode ocorrer depois desse conjunto é [s].

Biblioteca Pública Mário Schenberg
São Paulo- SP
Prof. Fábio Quaresma

Ex: *perspectiva* e *solstício* são bastante raros em português.

TRAVAMENTO SÍLABICO NASAL

Após o travamento sílabico nasal, em palavras como *transporte*, *homens* ou *monstro* – respectivamente [trɔ³ˈs.pɔr.ti], [ɔ.mẽˈs] e [mo³s.tru]-, pressupõem a ocorrência de dois segmentos em posição de coda silábica, em que o segundo deles é [s].

Obs: Não deixa de ser intrigante o fato de que o segmento [s] seja o único que escapa da classificação de soante não-nasal.

DIANTE DE DITONGO NASAL EM SÍLABA FINAL

Nessa posição, entretanto, como já foi visto, não há como estabelecer as diferenças de sonoridade que apresenta em posição intervocálica e tampouco há como estabelecer as diferenças de sonoridade que apresenta em posição intervocálica e tampouco há como estabelecer a variação de articulação passivo, isto é, entre [s] e [ʃ], como marca dialetal: [kás.ka] para dialeto paulista e [kaʃ.ka] para dialeto carioca, por exemplo.

Argumentos
BISOL(1999)

Propõe que o padrão máximo silábico seja CCVC(C), em que o C entre parênteses reporta-se unicamente ao segmento [s], com suas variantes dessa posição específica, presumindo que haja um enfraquecimento da restrição específica, presumindo que haja um enfraquecimento da restrição de uma única posição para a coda no português.

CÂMARA JR. (1979)

a língua no portuguesa não possui vogalis intrinsecamente nasais, mas a nasalidade decorre do travamento subspecificado (arquifonema nasal, em sua proposta). alguns argumentos distribucionais podem ser apresentados para evidenciar essa interpretação:
- em juntura de palavras, vogais nasais não se elidem diante de vogais:
Ex:

lɔN iskúra mas *liskúra
lá eN káza mas lɛN káza

-em juntura de palavras, a nasalidade se manifesta como segmento:

veN Akí — veŋakí

-na formação de palavras, a nasalidade se manifesta como segmento:

lɔN — lɔnózu

CÂMARA JR.

E descrito anteriormente, de que não há distinção entre [i] e [e] em posição final de sílaba. Não deixa de ser um fato nptável que em sílabas finais em que ocorra corda, a variação entre [i] e [e], com prejuízo da segunda, não ocorra com a mesma regularidade. Exemplo:

xe.vɔw.ver ~ xe.vɔw.vi

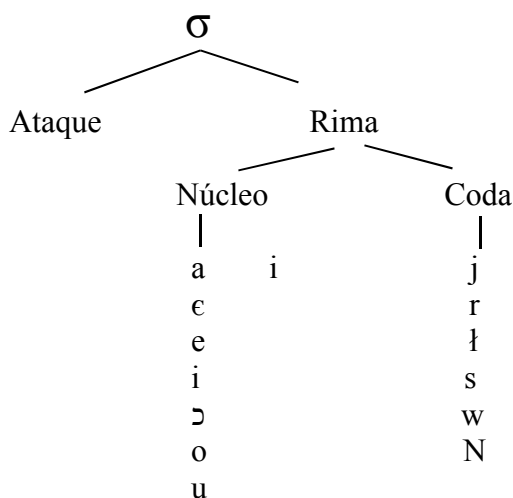
ka.dá.ver ~ ka.dá.vJi
 su.e.ter ~ su.e.ti

Obs: a variação entre [e] e [i], acima proposta, é concomitante com a supressão da coda silábica. Fato semelhante ocorre na segunda coluna, mas a variação entre [e] e [i] vem acompanhada da supressão da nasalidade, que, segundo CÂMARA JR, estaria justamente na posição de coda silábica. Não deixa de ser curioso que o ditongo nasal [ew], átono, resolva-se numa única vogal em que não está presente a nasalidade:

be'.sew ~ be'.sa
 r.gew ~ r.gu

ELEMENTO NOVO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Essa interpretação da nasalidade leva-nos a inserir um segmento subjacente novo, no conjunto segmental da língua portuguesa já previamente estabelecido para a posição de coda silábica:



Novamente, estamos diante da possibilidade de haver duas posições na coda silábica, pois seqüências como [gr³w] e [sa.b³w], para *grão* e *sabão*, têm um segmento nasal que deve ocupar uma posição na sílaba.

O ditongo Nasal tônico [3w], na medida em que é convergência de conjunto de formas latinas – [ãnu], como em:

grãu>grão
 carbõne>carvão

-[ũdine], como em:

certitũdine>certidão

-[on], como em:

non>não

-[ant]

sant>estão

aponta para existência de um segmento nasal pós-vocálico que ora se comportava como coda silábica, como [unt] e [on], ora se comportava como ataque da sílaba seguinte, como [ãnu] e [one].

DEBUCALIZAÇÃO

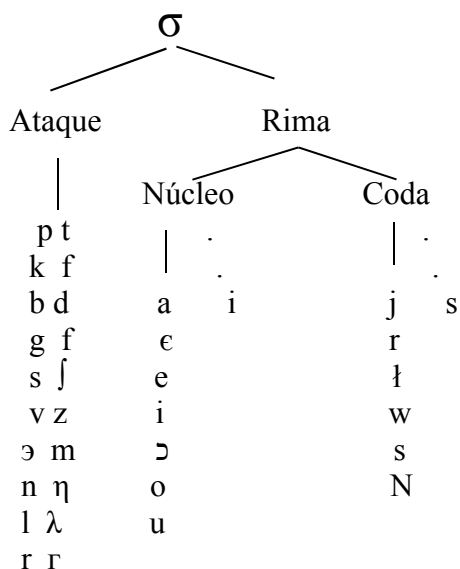
A supressão do segmento coronal nasal [n] e do labial [m] em sílaba tônica final, a par da supressão da coronal nasal em sílaba tônica final, a par da supressão da coronal nasal em posição intervocálica ativas e passivas, fenômeno conhecido como *debucalização*, pois as articulações realizadas na cavidade oral desaparecem.

NOTA

Sua ocorrência exclusiva em sílaba final bem como a hipótese de haver um segmento nasal N permitem-nos uma certa suspeição de sua integridade para assumir a seqüência como [3.u], em que permanece como coda silábica, à semelhança do que registramos em [lũ.aJ]. Por se tratar de vogal com abertura mínima, pode-se entender que a fala corrente assume como um ditongo. Fica, portanto, a outro problema por se resolver na fonologia da língua portuguesa.

ATAQUE SILÁBICO

Retomando as considerações a respeito do EC já vistas anteriormente, pode-se dizer que a língua portuguesa aceita todas as consoantes em posição de ataque silábico.

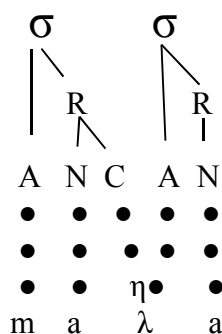


RESTRIÇÃO DA POSIÇÃO DAS CONSOANTES [ŋ], [λ] e [ʀ]

A língua portuguesa aceita qualquer consoante e posição de ataque silábico simples, não ocorrem [ŋ], [λ] e [ʀ] tampouco ocorrem seguindo sílabas com coda, com exceção de *bairro*, para este último.

WETZELS (1997)

Propôs que pelo menos os segmentos [ŋ] e [λ] ocupem duas posições na cadeia segmental ambissilabicamente.



Em relação a restrição de [r] em início de palavra, não há, ainda, o que dizer, mas deve-se ter em vista que o segmento [r] em posição de coda silábica final, quando ocorre precedendo vogal em sílaba inicial, como na seqüências *lugar alta*, que já analisamos anteriormente, varia com [r] e ocupa a posição de ataque da sílaba seguinte:

[lu.ga. r áw.tu]

Sua posição [r] em início de palavra é extremamente rigorosa, não havendo qualquer tipo de aceitação.

ACENTO LEXICAL

Na língua coloquial são alvos de uma série de processo fonológicos, o que **demostra sua instabilidade**. Alguns processos fonológicos a que são suscetíveis ocorrem desde a formação da língua portuguesa até hoje.

EXPLICAÇÃO DA ATRIBUIÇÃO DO ACENTO LEXICAL

- • hipótese do acento livre, previamente definido no lexico
- • hipótese do mode trocaico, definido pelo ritmo padrão
- • hipótese do acento morfológico, definido pela qualidade do morfema portador

NOÇÕES BÁSICA DO ACENTO (NOMINAIS)

O acento, de maneira geral, é uma associação entre *intensidade, altura e duração*.

REGRAS GERAIS DE ACENTUAÇÃO

Teríamos de saber de antemão que a sílaba recebe o acento, isto é, o acento estaria já definido no léxico da língua, restando ao falante apenas atualizá-lo.

II) *supressão da vogal nuclear silábica medial e silabificação à direita*

Ex: dó.mi.nus > dómnus > dónu

lé.põ.re > lebre

•

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO ACENTO

Proparoxítonas: *contam-se três sílabas a partir do final direito da palavra e acentua-se a terceira sílaba.*

As formas proparoxítonas da língua portuguesa foram emprestadas do latim clássico e, em sua grande maioria, são formadas por três sílabas breves, estabelecendo pé datílico (dácilo), como em [úl.ti.mu] ou o pé impróprio tribroca, como em [bébadu]. Entretanto, é possível verificar que esse padrão acentual, proparoxítono, não se mantém na fala coloquial do português.

Paroxítonas: *contam-se duas sílabas a partir do final direito e acentua-se a terceira sílaba.*

As paroxítonas terminadas em sílaba com núcleo ramificado resultam das regras de acentuação próprias da língua portuguesa (bem como das demais línguas na Península Ibérica). São na sua grande maioria originárias do latim vulgar e de outras línguas que eventualmente apresentavam o mesmo padrão acentual para tais palavras.

Oxítonas: *acentua-se a última sílaba à direita da palavra.*

As oxítonas terminadas em sílaba com núcleo ramificado resultam das regras de acentuação próprias da língua portuguesa (bem como das demais línguas na Península Ibérica). São na sua grande maioria originárias do latim vulgar e de outras línguas que eventualmente apresentavam o mesmo padrão acentual para tais palavras.

As oxítonas sem núcleo ramificado na sílaba final são palavras das línguas românicas cuja origem não se vincula ao latim vulgar. Têm origem em empréstimos tardios, posteriores à formação das regras acentuais da língua. São bastante estáveis foneticamente, talvez refletindo um processo de mudança no padrão acentuais da língua.

REGRAS DE ACENTO (VERBOS)

Em relação aos verbos, as soluções que se tem proposto para estabelecer as regras de acentuação são praticamente as mesmas. O recurso que se utiliza é sempre a noção da extremidade, isto é, há determinadas unidades lingüísticas que não são “visíveis” para regras acentuais.

Biblioteca Pública Mário Schenberg
São Paulo- SP
Prof. *Fábio Quaresma*

Por se tratar de forma terminada em ditongo evidenciada pelo alçamento vocálico dos morfemas flexionais de tempo-modo-aspecto *-ra* e *-ria* do mais que perfeito do indicativo e do futuro-do-passado do indicativo, respectivamente, a regra de acentuação tem de propor que a extratonicidade reporta-se necessariamente à morfologia, e não à fonologia da língua.